

METROPOLITANA

TEATRO
THALIA

TEMPORADA
2020 | 2021

Jean-Marc Burfin
e Alunos do Curso
de Direção de Orquestra
da ANSO

Direção Musical

Obras de
Benjamin Britten
Richard Wagner
Joseph Haydn

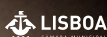
ORQUESTRA ACADÉMICA METROPOLITANA

SINFONIA LONDRES

SÁBADO 22 MAIO - 19H00
TEATRO THALIA

Jean-Marc Burfin © David Rodrigues

FUNDADORES



MECENAS
PRINCIPAL



PATROCINADOR
PRINCIPAL



PATROCINADORES



SINFONIA LONDRES

DIREÇÃO MUSICAL **PEDRO AFONSO**

Aluno de Direção de Orquestra da Academia Nacional Superior de Orquestra (ANSO)

Benjamin Britten (1913-1976)

Sinfonia Simples, Op. 4 (1934)

(duração aproximada: 17 min.)

I. *Boisterous Bourrée*

II. *Playful Pizzicato*

III. *Sentimental Sarabande*

IV. *Frolicsome Finale*

DIREÇÃO MUSICAL **JEAN-MARC BURFIN**

Maestro Titular da Orquestra Académica Metropolitana (OAM)

Richard Wagner (1813-1883)

Idílio de Siegfried (1870)

(duração aproximada: 19 min.)

DIREÇÃO MUSICAL **PEDRO SILVESTRE**

Aluno de Direção de Orquestra da Academia Nacional Superior de Orquestra (ANSO)

Joseph Haydn (1732-1809)

Sinfonia N.º 104, em Ré Maior, *Londres* (1795)

(duração aproximada: 30 min.)

I. *Adagio - Allegro*

II. *Andante*

III. *Minuetto: Allegro*

IV. *Finale: Allegro spiritoso*

Benjamin Britten em 1968 | Fonte: Wikimedia Commons



SINFONIA SIMPLES

A *Sinfonia Simples* de Benjamin Britten combina de forma sofisticada referências musicais tão díspares como a música do século XVIII e a valsa dos salões burgueses do século XIX. Datada de 1934, identifica-se com a estética neoclássica, pelo modo como recupera técnicas de composição do passado e as coloca ao serviço de propósitos artísticos sempre renovados.

Enquanto compositor, Britten encontrava motivação para trabalhar em alcances plausíveis, tendo em vista situações concretas, intérpretes que conhecia. À sua maneira, buscava uma reação imediata das suas criações no mundo em que vivia. Nesse sentido, pode-se afirmar que era dono de uma personalidade bastante menos permeável ao ideal romântico do que boa parte dos seus contemporâneos, em particular aqueles

que projetavam para si mesmos o reconhecimento póstumo. Ainda assim, a sua música transcende o contexto em que teve origem. Ela comunica connosco através de uma inquietação subliminar. Sempre elegante, avessa a excessos, dissimula uma disfarçada tensão – se quisermos, uma expressão de dor. Pressente-se sempre um inconformismo latente, fundamental. A *Sinfonia Simples* é uma boa porta de entrada para este universo.

Apesar de ter completado anteriormente quatro partituras orquestrais, esta foi a composição que anunciou definitivamente a carreira do músico inglês. Criança prodígio, cedo se distinguiu enquanto pianista e compondo pequenas peças. Mas foi nesta obra que demonstrou as competências técnicas e expressivas exigidas a um compositor profissional. Sem se afastar dessa intenção, nunca comprometeu, todavia, o seu espírito bem humorado, fazendo parecer

tudo fácil (tudo «simples»). A título de exemplo, em concordância com a irreverência de um jovem de vinte anos de idade cheio de talento, não terá sido inocente a aliteração do título que aparece replicada em cada um dos andamentos. Assim acontece em *Boisterous Bourrée*, onde se acrescenta «violência» àquela dança barroca, sempre de pulsação rápida e cadência binária. Depois, em *Playful Pizzicato*, um nome que não poderia ser mais denotativo, já que o registo de brincadeira é conseguido através da técnica *pizzicato*, pousando o arco, dedilhando as cordas. O mesmo acontece em *Sentimental Sarabande*, a secção mais pungente. Por último, em *Erolisome Finale*, um final alegre, como o nome indica. Ao longo de quatro andamentos que mais configuram uma suíte de danças barrocas do que uma sinfonia clássica, sucedem-se temas melódicos emprestados de peças para piano compostas pelo próprio Britten quando tinha apenas dez anos de idade.

IDÍLIO DE TRIBSCHEN

O pensamento estético de Richard Wagner é incontornável num debate amplo sobre a cultura musical europeia na segunda metade do século XIX. Renegava então a escrita musical artificiosa, imotivada e sem dramaticidade. Suscitou as mais calorosas discussões, a maioria das quais opondo o «espírito ilustrado germânico» ao pretenso «facilitismo piegas italiano». Paradoxalmente, e porque é difícil separar a percursor artístico de Wagner da sua vida pessoal, o *Idílio de Siegfried* resultou de uma espécie de serenata dedicada a uma mulher.

O *Idílio de Siegfried* foi escrito em 1870 com o propósito de presentear Cosima Liszt, filha de Franz Liszt. Esta era uma relação amorosa que Richard e Cosima mantinham havia já seis anos e que já tinha resultado na dissolução de um casamento e no nascimento de três filhos ilegítimos, circunstâncias que forçaram o casamento, no verão desse mesmo ano. A peça foi interpretada pela primeira vez numa ocasião privada em que, em jeito de surpresa, uma orquestra despertou o sono de Cosima em dia de aniversário, coincidente com o dia de Natal. Cosima escreveu assim no diário:

«Quando despertei, ouvi um som que ia crescendo cada vez mais, até já não conseguir confundi-lo com um sonho. Estavam a tocar música, e que música! Quando terminaram, Richard veio até

junto de mim com os cinco filhos e pôs-me nas mãos a partitura do seu 'presente de aniversário sinfónico'. Eu estava em lágrimas, assim como estavam todos; Richard tinha colocado a sua orquestra junto à escadaria e consagrou dessa maneira a nossa Tribschen para sempre! *Idílio de Tribschen* – chamava-se assim a obra...»

Tribschen era o nome da vila onde o casal se instalara, nas margens do Lago dos Quatro Cantões, perto de Lucerna. Alguns anos mais tarde, quando o compositor resolveu tornar pública a partitura, deu-lhe um novo título – *Idílio de Siegfried*. Evocava simultaneamente o nome do mais novo dos três filhos do casal e *O anel dos Nibelungos*, a terceira das quatro óperas da tetralogia.



Richard Wagner e Cosima Liszt em 1872 | Fonte: Wikimedia Commons



SINFONIA LONDRES

Joseph Haydn compôs doze sinfonias que foram estreadas em Londres. Foi, todavia, a N.º 104 que ficou explicitamente conhecida pelo nome da cidade, em virtude de opções editoriais que aludem inscrições na partitura dos sons urbanos que envolviam o King's Theatre naquela primavera de 1795. Foi a derradeira sinfonia do músico austríaco.

Joseph Haydn passou duas longas estadias em Inglaterra já numa fase muito adiantada da carreira, após servir durante quase três décadas a família Esterházy — primeiro entre janeiro de 1791 e julho de 1792, depois entre fevereiro de 1794 e agosto de 1795. Ambas as digressões foram bem sucedidas, quer no que respeita aos proveitos financeiros quer à simpatia e reconhecimento públicos. Soube familiarizar-se com as práticas e costumes

locais e, no âmbito específico da sua arte, mediu bem o gosto dos ouvintes a quem se dirigia, necessariamente diferentes do da aristocracia centro-europeia a que estava habituado. A Sinfonia N.º 104 culminou essa experiência. Por isso, é um testemunho valioso da adaptabilidade da criação artística em função do contexto a que se destina, muito embora não saibamos, categoricamente, o que faz desta obra a «Sinfonia Londres».

Vários autores destacaram diferentes aspetos. Em particular, a vaga semelhança que se nota entre o tema principal do primeiro andamento com a melodia de um salmo que se ouvia frequentemente entoado nas igrejas anglicanas da época. Já no último andamento, distingue-se uma melodia com raízes numa canção tradicional croata que Haydn trazia na memória, mas que também se parecia à característica entoação dos vendedores ambulantes nas ruas de Londres, quando anunciavam bolos quentes e peixe fresco.

Porventura, essa semelhança despertou a criatividade do compositor.

Independentemente de tudo isso, Haydn nunca abdicou da matriz clássica de que foi principal mentor. Esta terá sido, inclusivamente, uma das primeiras sinfonias que se tornou repertório e que, por isso, «fez escola». A longa e lenta introdução serve ideias a um *Allegro* vivaz e espirituoso. O andamento lento desenrola-se numa falsa aparência de tranquilidade, já que é pontuado por diversos momentos de manifesta perturbação expressiva e intensidade dramática. O *Minueto* são páginas bem humoradas, repletas de contratempos, graciosos maneirismos e efeitos lúdicos que despertam sorrisos na plateia. Por fim, uma *Sonata-Rondó* que se recreia sobre a repetição episódica da tão emblemática melodia principal desta sinfonia.

TEXTO DE RUI CAMPOS LEITÃO



© Marcelo Albuquerque / Metropolitana

JEAN-MARC BURFIN

MAESTRO TITULAR
DA ORQUESTRA
ACADÉMICA METROPOLITANA

Entra em 1983 para o Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, onde obtém, em junho de 1987 e por unanimidade do júri, o 1.º prémio de Direção de Orquestra na classe de Jean-Sébastien Béreau depois de ter feito os seus estudos nos Conservatórios de Nancy, Metz, Strasbourg e Reims.

Durante as masterclasses que frequenta, é encorajado pelos seus mestres Franco Ferrara, Charles Bruck, Pierre Boulez e Vitaly Kataev. Diplomado pela Academia de verão do Mozarteum, em Salzburg, é convidado para dirigir a Orquestra do M.I.T. de Boston em 1984, ao lado de Lorin Maazel.

Na sequência de um seminário internacional em Fontainebleau, é notado por Leonard Bernstein e em julho de 1987 convidado para dirigir a Orquestra de Paris.

Em 1990/1991 recebe uma bolsa franco-soviética para aperfeiçoamento dos

seus conhecimentos do repertório russo com Alexandre Dmitriev, no Conservatório Rimski-Korsakov de São Petersburgo.

No Concurso Internacional de Jovens Diretores de Orquestra de Besançon em 1991 foi finalista laureado, e recebeu um prémio especial da Orquestra da Rádio-Televisão de Moscovo através do seu Diretor Vladimir Fedosseiev.

Jean-Marc Burfin dirigiu várias orquestras, tanto em França como no estrangeiro (Colonne, Lamoureux, Pays de la Loire, Poitou-Charentes, Picardie, Potsdam Philharmonie, Württembergische Philharmonie, Sinfónica de Oviedo, entre outras). Foi Diretor Artístico da Orquestra Metropolitana de Lisboa durante a temporada de 2003 / 2004.

Gravou um CD na editora Naxos, consagrado à obra de Vincent d'Indy.

Pedagogo reconhecido, é um dos raros maestros em atividade a ensinar direção de orquestra.

Atualmente é professor na Academia Nacional Superior de Orquestra e Maestro Titular da Orquestra Académica Metropolitana.

ORQUESTRA ACADÉMICA METROPOLITANA

A OAM estreou-se em 1993, na sequência da criação da Academia Nacional Superior de Orquestra – uma instituição única no país, destinada a formar músicos profissionais nas áreas de Instrumento e Direção de Orquestra. Desde o seu início, a OAM é orientada por Jean-Marc Burfin, seu maestro titular. Constituída inicialmente por menos de trinta elementos, a OAM é hoje uma formação sinfónica englobando cerca de 70 músicos. Com uma temporada que se estende ao longo de cada ano letivo, a OAM mantém uma atividade regular de ensaios e concertos, apresentando-se não só na Área Metropolitana de Lisboa como também noutras localidades do país.

Com largas centenas de concertos realizados, abarcando um repertório que vai do Barroco à música do século XX, a OAM tem executado obras de compositores tão representativos como Bach, Haydn, Mozart, Beethoven, Brahms, Schubert, Mendelssohn, Mahler, Ravel, Debussy, Milhaud, Bartók, Hindemith, Stravinsky e Varèse, entre outros.

Para além do seu maestro titular, a OAM é habitualmente dirigida pelos alunos do Curso Superior de Direção de Orquestra. Muitos dos concertos contam com a presença de maestros convidados, tais como Jean-Sébastien Béreau, Pascal Rophé, Robert Delcroix e Brian Schembri. A OAM possibilita ainda aos alunos da Academia a apresentação regular a solo com orquestra. Teve, ainda, o privilégio de tocar com vários solistas de renome como António Rosado, Gerardo Ribeiro, Paulo Gaio Lima, Liliane Bizineche, Francine Romain, Miguel Borges Coelho, Artur Pizarro, François Leleux e, num concerto humorístico, o quarteto italiano Banda Osíris.

Entre as suas deslocações, a OAM participou no Porto 2001 Capital da Cultura, num encontro internacional de orquestras de jovens onde tocou o *War Requiem* de Britten. Fez várias digressões pelos Açores e esteve no VII Ciclo Internacional de Orquestras Universitárias, em Saragoça, e subiu ao palco do Théâtre de la Monnaie, em Bruxelas. Na presente temporada tem agendados cinco programas diferentes, participando ainda nos concertos da Orquestra Sinfónica Metropolitana, nomeadamente nos Dias da Música em Belém.

A Academia Nacional Superior de

Orquestra é uma instituição única no país, pela forma como interliga a formação com a prática musical. Especificamente destinada a preparar músicos profissionais nas áreas de Instrumento e Direção de Orquestra, o ensino aqui ministrado baseia-se num acompanhamento

individual especializado, na prática de música de câmara e numa componente teórica complementar, sendo a Orquestra Académica Metropolitana o eixo central da formação destes jovens músicos. Os resultados pedagógicos são bem evidentes pelo número de alunos premiados em

concursos de renome, pelas admissões dos estudantes aqui formados nas melhores escolas internacionais e pela alta taxa de empregabilidade destes jovens quando chegam ao mercado de trabalho.



FLAUTAS

ERICK LÓPEZ
CATARINA SILVA
BEATRIZ MARQUES

OBOÉS

RODRIGO MARQUES
SALOMÉ TOMÁS
PEDRO CAPELÃO

CLARINETES

ANA CATARINA PINTO
RUI NUNES
NUNO BAPTISTA
GUILHERME DUQUE

FAGOTES

SARA MAIA
NUNO MOURÃO

TROMPAS

CÉSAR LUÍS
LILIANA MARQUES
FILIPE LOPES
CAROLINA MORTE

TROMPETES

CARLOS LOPES
SARA ANTUNES
MARIA CAROLINA BATISTA

TÍMPANOS

ANA BEATRIZ SOUSA

1.º VIOLINOS

INÊS MARQUES
LUÍSA SEMEDO
CAROLINA PARDAL
FRANCISCA BONACHO
MARGARIDA GRAÇA
ANDRÉ LEAL
FILIPA OLIVEIRA
XAVIER PEREIRA
SÓNIA FIGUEIREDO
BEATRIZ FERREIRA
BERNARDO SOUSA
LÚCIA SALVADO
LIA CARIDE
JOSÉ RIBEIRO

2.º VIOLINOS

INÊS FERREIRA
LUÍS RICARDO
CLARA RAMOS
SIMÃO MASON
INÊS NOGUEIRA
ANA CAROLINA CORREIA
LEONARDO GUEDES
BEATRIZ PEREIRA TOMÁS
LUÍS SANTOS
CRISTIANA HERCULANO
JOÃO PIMENTA MARTINS
INÊS AVELAR

VIOLAS

ANA ALEXANDRA RUSSO
ANDRÉ TEIXEIRA
SARA VALENTIM
LEANDRO NAMORA
EDNEY FÉLIX

VIOLONCELOS

ANDRÉ CASAL
JOANA ROSA
KATELYN HENKE
RUI MOTA
LÍVIA MENDES
BEATRIZ LOUSAN
ANDRÉ ALVES
MARGARIDA ALMEIDA

CONTRABAIXOS

GUILHERME REIS
JOÃO LOBO

METROPOLITANA

DIRETOR EXECUTIVO Miguel Honrado
DIRETOR ARTÍSTICO Pedro Neves
DIRETOR PEDAGÓGICO Yan Mikirtumov

FUNDADORES



Presidência do Conselho de Ministros - Ministro da Cultura
Ministério da Educação
Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social
Secretaria de Estado do Turismo / Turismo de Portugal, IP
Secretário de Estado da Juventude e do Desporto



MECENAS PRINCIPAL



PROMOTORES

Câmara Municipal de Caldas da Rainha
Câmara Municipal de Lourinhã
Câmara Municipal de Montijo
Câmara Municipal de Setúbal

PARCEIROS EM 2021

Câmara Municipal de Almada
Câmara Municipal do Barreiro
Câmara Municipal de Loures
Câmara Municipal do Seixal



PARCEIRO DO PROGRAMA "MÚSICA E CIÊNCIA"



PATROCINADOR PRINCIPAL

SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

PATROCINADORES



PARCERIAS

Antena 2 | São Luiz Teatro Municipal | Universidade Nova de Lisboa | Biblioteca Nacional de Portugal
Cultivarte - Encontro Internacional de Clarinete de Lisboa | CMS Rui Pena & Arnaut
Instituto Superior de Economia e Gestão | Casa Fernando Pessoa | Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva
Secretaria-Geral da Educação | Fundação Oriente | Academia das Ciências de Lisboa

www.metropolitana.pt facebook.com/metropolitanalx | Travessa da Galé 36, Junqueira - 1349-028 Lisboa | Tel.: +351 213 617 320

Este concerto pode ser filmado e/ou fotografado pela organização. Caso não autorize o registo da sua imagem contacte o Relações Públicas da Metropolitana no local.

PRÓXIMOS CONCERTOS

SINFONIAS CLÁSSICAS

SEXTA 28 MAIO - 19H00 MUSEU DOS COCHES (PICADEIRO)
SÁBADO 29 MAIO - 19H00 TEATRO THALIA

PEDRO NEVES MAESTRO

Luigi Cherubini Abertura da ópera *L'Hôtelier portugaise*
Serguei Prokofiev *Sinfonia Clássica*
Joseph Haydn *Sinfonia N.º 104, Londres*

BILHETES À VENDA Preço: 18€

Na Ticketline e locais habituais / Reservas e Info: Ligue 1820 (24 horas) / 21 361 73 21
Teatro Thalia: no dia e local do concerto, a partir das 18h00

A MENINA DO MAR

HISTÓRIAS DA FORMIGA RABIGA
SÁBADO 5 JUNHO - 11H00 ACADEMIA ALMADENSE
DOMINGO 6 JUNHO - 11H00 CINEMA SÃO JORGE

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA
SUSANA HENRIQUES NARRAÇÃO
LEANDRO ALVES DIREÇÃO MUSICAL
Fernando Lopes Graça *A Menina do Mar*

BILHETES À VENDA

Cinema São Jorge: Preço: 8€ / Na Bilheteira do Cinema São Jorge, Ticketline e locais habituais